

Partners in Allergy – Alérgicos como nós!

Rev Port Imunoalergologia 2022; 30 (1): 7-8

Luís Martins¹ 

¹ MED – Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento. Universidade de Évora, Évora, Portugal; Departamento de Medicina Veterinária. Escola de Ciências e Tecnologia. Universidade de Évora, Évora, Portugal; Coordenador do Grupo de Interesse Imunoalergologia Comparada e Veterinária da SPAIC

A analogia adaptada entre as histórias de Agatha Christie e o livro de Manuel Alegre podia servir para nome de um filme internacional e ajusta-se perfeitamente à realidade da alergia humana e animal. Sensibilização a diferentes alérgenos, diferentes taxas de sensibilização, diferentes padrões de alergia, mas igualmente alérgicos, são o mote. Do nosso lado e do deles fomos descobrindo novas e interessantes semelhanças: a dermatite e a conjuntivite alérgicas causam-nos prurido, o broncospasma asmático causa-nos dispneia, a alergia alimentar provoca-nos dermatite, queilite e enterite, e às vezes pior. A higiene, nossa e deles, tomou lugar nas nossas vidas. Estamos mais limpos, mas também mais alérgicos. Afinal, milhões de anos de evolução prepararam-nos para combater autonomamente os inimigos invisíveis, que agora eliminamos preventivamente, deixando o sistema imunitário numa espécie de ócio instável. A segurança apresenta uma inegável vantagem, a da própria sobrevivência, mas isso não nos basta. Queremos qualidade de vida. Estudamos e aprendemos para isso.

Animais nossos amigos – Amigos dos nossos animais! Atualmente, ao arranjar um animal de estimação adere-se a este espírito, perfeitamente inserido no objetivo de qualidade de vida e indissociável da preocupação com a saúde familiar, relacionada com afeições, quer de natureza zoonótica, quer alérgica. Se somos alérgicos ao gato, ao

coelho ou ao cão que temos lá em casa, a questão assume quase sempre contornos de grande delicadeza. Como vamos, afinal, fazer perante uma situação tão complexa como não podermos conviver plenamente com o nosso companheiro, aquele familiar de uma espécie diferente? Outras vezes, são eles que, sensibilizados, desenvolvem alergias diversas, como às pulgas, aos ácaros do pó doméstico, aos pólenes, aos fungos aerógenos, à comensal *Malassezia* ou a alimentos. O prurido faz o animal coçar-se, ferir-se, infetar-se e sofrer. A sua qualidade de vida fica seriamente comprometida e nós, os donos, ou tutores, como agora se usa, sofremos igualmente. Pretende-se, pois, que, tal como nós, sejam tratados o mais eficazmente possível.

São várias as opções terapêuticas, desde a comum farmacoterapia, onde os corticosteroides sistémicos mantêm a sua eficácia e utilidade, sobretudo perante situações agudas, evitando também a progressão da memória imunitária no sentido alérgico. Nos nossos animais, onde o órgão-alvo é frequentemente a pele, o papel dos anti-histamínicos encontra-se muito limitado, face à diversidade dos imunomediadores envolvidos. O recurso aos mais recentes fármacos disponíveis, atuando sobre a IL-31 (mediador fundamental no desencadeamento do prurido), quer indiretamente, como o maleato de oclacitinib (inibidor da janus quinase 1), ou diretamente, como o lokivetmab

<http://doi.org/10.32932/rpia.2022.03.073>

© 2022 Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica. Publicado por Publicações Ciência & Vida.

Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

(anticorpo monoclonal, caninizado, recombinante, anti-IL-31), constitui um marco muito favorável no controlo do prurido e respetivas consequências, sem os efeitos secundários a longo prazo dos corticosteroides sistémicos. No entanto, não estão isentos de efeitos secundários, como os de natureza digestiva, relacionados com o oclacitinib, ou os relacionados com a possível resposta imunitária adversa, associada à pequena componente não canina, remanescente no lokivetmab, sobretudo naquelas administrações mais prolongadas.

Não sendo qualquer tratamento 100% eficaz ou isento de efeitos secundários, ressalta-se a utilidade de uma abordagem terapêutica multimodal, a nível da evicção do contacto com as espécies alergénicas implicadas, da integridade da barreira cutânea, da inibição dos mediadores inflamatórios e pruriginosos e do recondicionamento da resposta imunitária. Clinicamente diagnosticada a condição atópica ou de alergia alimentar, torna-se fundamental identificar as espécies alergénicas relacionadas com a alergia individual. Se, perante a alergia alimentar, aquela identificação passa pelo recurso a provas de provocação com alimentos simples, após um período de dieta de exclusão, para o diagnóstico de alergia a aeroalergénios a identificação deverá realizar-se recorrendo a testes cutâneos, maioritariamente intradérmicos, e ao doseamento de IgE específicas circulantes, facultando a informação necessária para a imunoterapia específica. Não sendo possível, por enquanto, recorrer a imunoterapia verdadeiramente alérgico-específica baseada em alergénios moleculares, em virtude de o próprio diagnóstico resolvido por compo-

nentes não estar disponível, a vacinação para alergia canina ao ácaro *Dermatophagoides farinae*, por exemplo, faz-se já com a garantia de concentração para Der f 15 e Der f 18, alergénios *major* para o cão.

Para além do cão, a alergia equina e felina são atualmente também muito relevantes em termos de casuística, ainda que o conhecimento existente se encontre mais incipiente. Contudo, nos últimos anos, vimos observando um progresso muito rápido do conhecimento científico relativamente ao cavalo. Por exemplo, a maioria dos alergénios moleculares hoje conhecidos para animais pertence a diferentes espécies de culicídeos e é justamente para o cavalo. Quanto ao gato, o diagnóstico de síndrome atópica ainda se baseia bastante na exclusão de outras afeções. O conhecimento das concentrações mais adequadas dos extratos para testes cutâneos requer também mais investigação, sobretudo na espécie felina.

Encontramo-nos, pois, num momento de viragem no desenvolvimento do conhecimento científico em imunologia veterinária e comparada. A vertente veterinária tira vantagem da informação e recursos metodológicos desenvolvidos para a nossa espécie, enquanto a vertente humana beneficia da informação obtida no domínio veterinário, onde os animais são nossos conviventes e, em condições éticas, possíveis modelos de estudo.

ORCID:Luís Martins  0000-0001-8848-0384